

O (precário) poder xiita

As eleições abriram aos seguidores de Al Sistani uma possibilidade impensável há não muito tempo: a de governar o país, mesmo de forma limitada

A eleição para a escolha dos integrantes da Assembléia Nacional Transitória do Iraque, realizada no final de janeiro, foi um passo importante do projeto, conduzido pelos EUA, de normalização política do país. Mas é apenas uma etapa intermediária: o processo por inteiro só deve culminar, se tudo correr de acordo com os planos, no final deste ano.

Trio presidencial O sistema eleitoral adotado no Iraque foi o das listas partidárias – os eleitores não escolheram entre pessoas, mas entre nada menos que 111 partidos. As 275 cadeiras da Assembléia Nacional foram proporcionalmente divididas entre os partidos, de acordo com sua votação. Já os parlamentares que as ocuparão foram indicados previamente pelos partidos em listas de pelo menos doze e no máximo 275 integrantes. Se um determinado partido obteve, por exemplo, 20 cadeiras, elas serão dadas aos 20 primeiros nomes da lista que o partido apresentou.

O passo seguinte após as eleições é a escolha, pelo novo Parlamento, por dois terços dos votos, do presidente e dois vice-presidentes da República. Esse trio, por sua vez, indicará o primeiro-ministro, o qual apontará os demais ministros. Apesar de a indicação do primeiro-ministro não ser feita diretamente pela Assembléia, é esse o posto em torno do qual estão sendo feitas as negociações entre os partidos.

O calendário político estabelece que a partir daí, até 15 de agosto, a Assembléia se ocupará da redação do projeto de Constituição que, a 15 de outubro, será submetido a referendo pelos eleitores. Se a Constituição for aprovada, a 15 de dezembro haverá nova eleição, para eleição de um governo permanente, que tomaria posse a 31 de dezembro, já governando sob a nova Carta. Caso a Constituição seja rejeitada, haverá nova elei-

ção geral para a escolha de outra Assembléia Nacional Transitória e o processo recomeça.

Na eleição de janeiro apenas doze dos 111 partidos conseguiram votos suficientes para eleger bancadas na Assembléia. A Aliança Iraquiana Unida, que representa os xiitas, com 140 cadeiras, foi a grande vencedora: conseguiu eleger mais da metade dos parlamentares, algo insuficiente, no entanto, para eleger sozinho o trio presidencial – precisaria de 184 votos. O que estabeleceu, portanto, a necessidade de formação de alianças com os demais grupos políticos. A coalizão Aliança do Curdistão, que representa os curdos, ficou com 75 cadeiras, e a Lista Iraquiana, do atual primeiro-ministro, Ilyad Alawi, com 40. O quarto colocado, Lista dos Iraquianos, do atual presidente Ghazi Al Yawer, sunita, ficou com cinco cadeiras, e as demais facções com menos.

Xiita, mas moderado O governo que se instalará em Bagdá a partir dessas eleições será, certamente, dominado pelos xiitas. A coalizão vencedora indicou o médico Ibrahim Al Jaafari (na foto acima), apontado como xiita religioso, mas moderado, como seu candidato a primeiro-ministro. A escolha foi aprovada pelo grão-aiatolá Ali al Sistani, que apoiou a Aliança Iraquiana Unida. Al Sistani segue uma linha diferente daquela que predomina entre os aiatolás do vizinho Irã – sua corrente, por exemplo, é contrária a que os clérigos assumam postos governamentais. Depois do pleito ele anunciou, por meio de porta-vozes, que é a favor que a nova Constituição não fira os preceitos islâmicos, mas se disse contra a ado-

ção da *sharia* (o código islâmico de conduta).

Com esse tipo de manifestação, os xiitas – que são a larga maioria dos iraquianos – tentam tranquilizar as minorias, especialmente a curda e a sunita, cada uma com cerca de 20% da população do país. Aos sunitas, aliás, que acabaram sub-representados na Assembléia Nacional devido ao boicote que suas lideranças promoveram às eleições e às ameaças de atentados contra os eleito-



res por parte de grupos da resistência, que atuam mais fortemente nas áreas onde predominam os sunitas, foi prometido que receberão tratamento condigno com seu peso populacional.

Com o sucesso obtido nas eleições, os xiitas ficaram próximos de chefiar o governo iraquiano, mesmo que compartilhado e mesmo diante da ocupação do país por forças estrangeiras. Sem dúvida, uma solução que parecia improvável há alguns meses. A questão, claro, é saber, nessas circunstâncias, que tipo de poder exercerão, acossados pela resistência e tutelados pelos americanos. ■